

## Testemunho de João Costa (Escunena), antigo pescador e baleeiro de São Mateus

«[...] tinha uma casa muito grande lá<sup>1</sup> e a baleia era derretida ali. Há uns depósitos lá fora, [e] a gente acartava o toucinho às costas por aquela rampa acima e dali, naquelas panelas, umas coisas em cimento para dividir<sup>2</sup> - até tinha muito mais, tinha duas no calhau<sup>3</sup>, o senhor vê aquele muro? O muro que vai pó [o mesmo que para o] calhau, aquilo era tudo pedra - havia duas panelas grandes que serviam para derreter também, mas veio o ciclone<sup>4</sup>, eu era um rapazinho, não lhe vou dizer a idade, eu tinha aí mais ou menos 10 a 12 anos. E posteriormente, com 17 anos, [eu] já andava à baleia. Depois dali, daquela grandessíssima casa, que tinha umas cisternas como se fazia antigamente - eu trabalhei numa com o João Frieza<sup>5</sup> de Santa Bárbara - e aquela cisterna, o depósito quando se botava [o mesmo que colocava] o óleo corria ali para trás, onde tem uns balancés<sup>6</sup> para as crianças brecaem [o mesmo que brincarem]. Ao pé daquela parede havia 4 ou 5 e aquilo enchia. Só com uma baleia, aquilo dava 40 bidões. Cada bidão na altura era de 200 litros, enchia tudo.»

Extrato de uma entrevista obtida a 11 de outubro de 2017, pelas 11:00 horas, junto aos vestígios da fábrica no Negrito.

<sup>1</sup> Refere-se aos barracões, localizados junto ao Forte do Negrito, visíveis gravuras do livro *La Mort d'un Cachalot*, da autoria do Príncipe Albert 1.º do Mónaco.

<sup>2</sup> Refere-se aos tanques em cimento, contíguos às panelas e fornos hoje existentes.

<sup>3</sup> Informa que existia mais um conjunto de fornos e panelas sobre o calhau sobranceiro ao muro atual.

<sup>4</sup> Refere-se ao ciclone (i.e. grande temporal) que assolou a ilha Terceira nos dias 27 e 28 de fevereiro de 1952. De acordo com Liduíno Borba, a partir desse evento, «a Armação Baleeira no Negrito ficou inativa e nunca mais derreteram baleias no local [...] passaram a ir para a Ilha do Pico».

<sup>5</sup> Pedreiro, natural e residente em Santa Bárbara, conhecido pela sua qualidade na construção de cisternas.

<sup>6</sup> Refere-se aos equipamentos de diversão infantil hoje existentes.

### A Junta de Freguesia de São Mateus da Calheta agradece às pessoas e entidades que apoiaram esta iniciativa:

Direção Regional da Cultura  
Câmara Municipal de Angra do Heroísmo  
Museu de Angra do Heroísmo  
Universidade dos Açores  
RTP Açores  
Rede de Arrojamento de Cetáceos nos Açores (RACA)  
Grupo Etnográfico e Folclórico «Modas da Nossa Terra»  
Adolfo Mendonça  
Casa Silva

2018



## Memórias sobre a Baleação no Negrito São Mateus da Calheta

*Os pescadores [e os baleeiros] foram, e são, também homens da terra. Homens inseridos num ambiente familiar e paroquial. Comprometidos com laços de vizinhança e de solidariedade profissional. Homens interessados e para sempre ligados ao mar, participantes nos desígnios da sua comunidade. Deste modo, São Mateus e os seus habitantes, (...) desde a sua criação, passando pelo combate aos corsários e à necessidade de erguer linhas de defesa, [são] homens e mulheres que procuraram conquistar e ganhar o seu espaço na ténue linha de fronteira, que separa a freguesia de uma ilha, onde a fronteira começa e acaba no mar.*

*São Mateus da Calheta antigo, José Avelino Santos, BLU edições, 2009*



# A salvaguarda e a divulgação das memórias, que permitem contar histórias, são cruciais para a existência de um sentido de comunidade

A exposição «O Homem e o Leviatã - Memórias sobre a Baleação no Negrito» é uma iniciativa da Junta de Freguesia de São Mateus da Calheta que pretende desvendar e notabilizar o património material e imaterial, de importância e valor cultural excepcional, ainda existente na Zona Balnear do Negrito, relacionados com a indústria baleeira.

Os vestígios de pedra e cimento existentes no exterior do Forte do Negrito, pertenciam à antiga fábrica de «Armação Baleeira de São Mateus» que, entre o final do séc. XIX e os anos 50 do séc. XX, funcionou ativamente.

No interior da fortificação, junto às canhoneiras (pertencentes ao Museu de Angra do Heroísmo), poderão ser observados alguns objetos de interesse, tais como bocas de fogo.

Já no interior da Casa da Pólvora, poderão ser apreciados alguns ossos de cachalote (exemplares das coleções da Casa dos Botes, Clube Naval e Núcleo Museológico de São Mateus) - destacando-se um fragmento de mandíbula - e um modelo do bote baleeiro. As fotografias, gravuras e vídeo disponíveis, referem-se às atividades do Príncipe Alberto 1.º do Mónaco e à sua equipa de investigação oceânica, que estiveram presentes nesta freguesia, onde assistiram e documentaram as atividades baleeiras no Negrito, em 1887. Há, também, um documentário realizado pelo Prof. Vítor Medina, de uma necrose realizada num cachalote, que arrojou na costa dos Biscoitos em maio de 1999. Destaca-se, ainda, uma cópia de uma fotografia captada durante o desmembramento de um cetáceo no Negrito, da autoria do Dr. Viriato Garrett, durante os anos 40 (a imagem original está conservado no Museu de Angra do Heroísmo). As vestes de pescador/baleeiro expostas, pertencem ao Grupo Etnográfico e Folclórico «Modas da Nossa Terra» que, com sede em São Mateus, representam os homens que se dedicavam às lides do mar. Por fim, atenda-se às peças produzidas pelo designer Adolfo Mendonça, resultantes da sua criatividade e capacidade técnica para dar outras leituras às representações da vida marinha.

